

Quando as violências nos atingem

A violência faz recuar o pensamento. Fecha os olhos e os espíritos, bloqueia as iniciativas, entrava a nossa liberdade. Antes de explodir e de semear o medo abertamente, cresce e corrompe na sombra. Faz parte da nossa vida íntima, dos lugares mais recônditos da nossa alma, e acompanha-nos ao longo de toda a nossa vida.

Na adolescência, as violências quotidianas são frequentes e vulgares. Tornar-se adolescente é uma aventura simultaneamente excitante e penosa, que transforma a nossa relação com os outros, e que abala seriamente a relação do adolescente com o seu corpo e com a sua alma. Muitos adolescentes vivem situações de tormento, que ocultam, e experimentam violências íntimas, das quais não conseguem falar. Para muitos deles, o caminho que medeia entre os problemas da puberdade e a maturidade está semeado de decepções amorosas, vexames escolares, separações parentais, solidão familiar e exclusão social.

A violência na primeira pessoa

Naquele dia, apressei-me, porque tinha marcado encontro com os meus amigos, a fim de passearmos pela floresta junto de nossas casas. Mal tive tempo para enfiar a mota no átrio do prédio, apareceram logo dois meliantes do meu bairro. Bateram-me com violência na cabeça e fugiram com a minha mochila.

De repente, vi-me no chão, completamente atordoado. Estava de tal forma em choque que nem pensei em gritar, pedir socorro, ou correr atrás dos meus agressores. Senti lágrimas nos olhos, irreprimíveis. Sentia-me tão impotente face àquela violência súbita e imprevisível! Uma vez a estupefacção e o medo passados, senti a raiva invadir-me. Quem me dera poder esmagá-los ali mesmo...

Guilherme, 15 anos

Este acto de violência ocorreu com tal brutalidade que Guilherme foi apanhado desprevenido. Esta agressão, semelhante a um relâmpago num céu sereno, abalou-o tanto que o desestabilizou. Subjugado pelo medo, Guilherme tinha-se submetido aos seus agressores, deixando que levassem a sua mochila. Como poderia ele ter resistido, se se encontrava sozinho face a dois agressores?

Uma vez os ladrões fugidos, Guilherme pôde sentir a repercussão física do roubo por esticção: o coração palpitante, a respiração acelerada, o estômago contraído, as pernas sem forças. Sentiu uma necessidade súbita de voltar para casa, para o seu aconchego, de chorar. Estava em estado de choque, tinha sido vítima de uma situação stressante, sentia as consequências físicas e psíquicas da agressão de que acabava de ser alvo. Esta reacção foi tão mais violenta quanto a sua resposta ao ataque foi nula. Aliás, como poderia ele ter reagido? Todas as vítimas de agressões se perguntam mais tarde se não teriam podido fazer isto ou aquilo. Uma vez a estupefacção passada, a mente reage, fazendo um inventário de todas as reacções possíveis. Mas também pode acontecer que a vítima de uma agressão se encontre incapacitada de pensar, devido à violência do choque.

Se Guilherme tivesse respondido com violência, ter-se-ia desencadeado um luta. Com um pouco de sorte, tudo acabaria num nariz a sangrar, nalgumas roupas rasgadas. Este é o cenário preferido da pessoa que foi vítima de um ataque: lembrar-se dos golpes que poderia ter aplicado, para que o conflito ficasse resolvido ali mesmo, sem que ela fosse humilhada.

Muitos adultos estão em desacordo com esta hipótese de resposta, porque acham que uma luta põe raramente fim a um conflito. Depois de uma primeira rixa, os vencidos podem provocar uma outra, como represália, que conduzirá a uma nova agressão, e gera-se assim uma espiral de violência.

Mas o nosso cenário é outro: Guilherme está por terra, com o coração cheio de raiva contra os agressores, e está furioso consigo mesmo por não ter ripostado. A uma violência exterior junta-se uma interior. Guilherme acha-se um cobarde, um incapaz... Em suma, Guilherme sente-se culpado por ter sido vítima.

O stress do agredido

O termo "stress" foi criado nos anos 50 do século XX por um investigador canadiano, de origem húngara, chamado Hans Selye. Selye explicou pormenorizadamente as reacções das vítimas de agressões, que variam segundo a pessoa e a duração do stress: suores frios, fadiga, mal-estar, tensão muscular, palpitações cardíacas, problemas digestivos ou cutâneos, insónias, ansiedade, depressão.

Estas manifestações do organismo escapam ao nosso controlo e são comandadas a partir do cérebro, através de uma glândula que se chama hipotálamo, e que funciona com um verdadeiro computador, do qual parte a ordem de reacção ao stress. O organismo responde com um aumento da produção de certas hormonas, tais como o cortisol e a adrenalina, que permitem adaptarmo-nos à agressão e reagir em conformidade. Graças a estas hormonas, podemos preparar-nos fisicamente para ultrapassar um obstáculo. Se atravessarmos a rua no momento em que um carro está a passar, as hormonas do stress despertam em nós mecanismos reflexos, como se um reclamo luminoso assinalasse o perigo. Recuamos, saltamos para o passeio para evitar o acidente, e tentamos recuperar a respiração. Sentimos calor. O stress, ou síndrome geral de adaptação, constitui um mecanismo de defesa. Estas

reações podem ser respostas positivas ou negativas aos acontecimentos da vida. O sucesso num exame ou o nascimento de uma irmãzinha podem ser factores de stress, tal como o são uma agressão, um insulto, ou o receio de chegar tarde a um encontro. A resposta biológica do organismo é a mesma e permite-nos reagir adequadamente ao acontecimento.

Contudo, estas respostas dependem de cada indivíduo. Com efeito, não é o acontecimento em si que é importante, mas a maneira com o vivemos e reagimos a ele. Quando estamos mais frágeis, temos uma menor capacidade de reacção à agressão, o mesmo acontecendo em relação a uma decepção, um desgosto, ou uma angústia. As mudanças são vividas de forma diferente: não vivemos da mesma maneira uma mudança imposta, uma mudança aceite, ou uma mudança desejada. Se os nossos pais decidem mudar de casa, temos de mudar de escola. A ideia de deixar os amigos e um ambiente que nos é familiar pode constituir um factor de stress. Em contrapartida, se desejarmos muito deixar a nossa escola e fazer amigos noutra cidade, a mudança de casa não nos contrariará de todo.

Quando se produz uma agressão, os sofrimentos do corpo e da mente variam de acordo com as pessoas. Algumas sentir-se-ão subjugadas pelo medo, enquanto que outras, mais combativas ou menos emotivas, defender-se-ão com unhas e dentes. Enquanto uns fogem e tentam esconder-se, outros atacam frontalmente ou esperam pela hora de se vingarem. O leque de reacções é vastíssimo.

A fuga ou a luta

Face a uma agressão, o indivíduo reage segundo dois tipos de comportamentos reflexos: a fuga ou a luta. Estes instintos de protecção foram herdados dos nossos antepassados, que precisavam de combater para sobreviver, para se protegerem dos predadores, para atacar tribos inimigas.

Os tempos hoje são outros, mas os reflexos do organismo são os mesmos. Guilherme reagiu através da fuga, sem ripostar face aos seus agressores. Como não respondeu de uma forma que lhe pareceu adequada, fica insatisfeito consigo próprio. Tanto pode deprimir como assumir um comportamento introvertido.

Guilherme foi obrigado a vivenciar uma experiência que não escolheu ter. Daí que as suas reacções também sejam imprevisíveis. Ao medo, ao pânico, e às lágrimas sucede-se uma revolta que pode conduzi-lo a acessos de agressividade e ao desejo de se vingar. Quer reviver o acontecimento, trocando de lugar: passar de passivo a activo, de cobarde a forte e temerário.

Este exemplo mostra bem o quanto a violência do outro nos assusta, porque nos esmaga, nos aniquila. No espaço de um instante, deixamos de existir, submetidos que somos à vontade do outro. É isto que nos torna vulneráveis, impotentes, indefesos. A agressão faz-nos recuar até ao berço, quando éramos frágeis e estávamos totalmente dependentes dos nossos pais e do mundo exterior. Mas a violência do outro acorda também a nossa própria violência. Quando refazemos a cena, colocando-nos no lugar do vencedor, gastamos energia a mostrar a nossa força, a nossa coragem, quiçá o nosso sadismo...

Como a raiva nos parece legítima, abandonamo-nos a ela. Até que ponto podemos ir, do que seremos capazes?

É assim que a violência atrai a violência. Felizmente, muitas pessoas tentam desmontar este mecanismo e reflectir sobre a violência de que foram vítimas. Procuram sair do traumatismo, reconstruir a sua vida. A violência de que fomos alvo pode conduzir a um questionamento de nós mesmos e da nossa vida.

Compreender o traumatismo

Ao choque imediato e à perplexidade do stress, pode seguir-se um mal-estar difuso, que pode acabar em traumatismo. Depois de uma agressão, podemos conservar sequelas visíveis, tais como hematomas, mas podemos também conservar fragilidades e ferimentos invisíveis: a mente pode ficar ferida, sem que nos apercebamos exactamente de como e onde. Os efeitos de uma agressão podem manifestar-se muito tempo depois de ela ter ocorrido, às vezes meses, ou até anos. O corpo pode ter ficado intacto, enquanto a mente ficou afectada. Nem todas as feridas são visíveis, nem todas se descobrem ao mesmo tempo. Os indivíduos reagem aos acontecimentos com a sua subjectividade, o seu passado, os seus sofrimentos, os seus medos.

No momento da agressão, a vítima pode ficar sem voz e sem reacção, mas interiorizar um tal pânico que este ressurge passado muito tempo, sob formas diversas. Estas formas podem assumir somatizações, ou seja, manifestações físicas de um mal-estar psíquico: dores de cabeça, dores de barriga, vertigens, insónias, comportamentos estranhos, medos novos... Tudo isto são sinais de um traumatismo. Já todos conhecemos pessoas que ficavam doentes depois de um período de depressão ou de preocupações no trabalho. Como se o organismo devesse, a dado momento, pagar a factura do stress acumulado.

A cena da agressão joga-se em dois tempos: o tempo dos acontecimentos e o tempo da memória. Os acontecimentos vividos ficam inscritos no corpo e na mente, e podem, em seguida, ser reactivados numa qualquer ocasião, devido ao facto de não terem sido "digeridos". Quem tiver forma de exprimir o seu sofrimento face a uma agressão, de a associar à sua própria história de vida, poderá virar a página. Sofreu, mas pode recompor-se com os momentos bons que a vida agora lhe traz.

Em contrapartida, a vítima que obstinadamente silencia o que se passou, que se obriga a esquecer o ataque a todo o custo, dado que a recordação é demasiado dolorosa, arrisca-se a soterrar a agressão no mais profundo de si mesma, como um veneno que funcionará ao retardador. Um dia, uma qualquer situação análoga, ou mesmo um incidente banal, despoletarão o regresso de todas as emoções recalçadas.

A violência das palavras: os insultos

Naquele dia, tinha uma consulta num médico que uma amiga me recomendara. Queria, contrariamente à vontade da minha mãe, começar a tomar a pílula. Ao caminhar pelo passeio, pensava no que iria dizer ao médico e no facto de ter de tirar a roupa para que ele me examinasse, quando dois adolescentes me interpelaram.

– Olha-me para esta! Tem cara de galó! – exclamou um dos rapazes, apontando-me o dedo. Senti logo as pernas a tremer. Precisei de toda a minha coragem para não faltar à consulta.

Carolina, 16 anos

A violência mais visível é a que agride fisicamente, a que atinge o corpo. Mas a violência pode também exprimir-se de forma subterrânea: trata-se da violência psicológica das palavras, dos insultos, das chacotas que nos atingem de maneira cruel, e que podem provocar feridas igualmente graves, mesmo que invisíveis.

Nos recreios, toda a gente dá livre curso aos insultos: "cretino", " vaca", "palhaço", "texugo", "pareces uma foca". Os que atingem os mais fracos com estas ofensas dizem que não é grave, que não passa de um jogo. Mas nem todos se divertem com esta brincadeira.

O que foi insultado cala-se porque foi atingido num ponto sensível e sente-se humilhado. Por que razão as palavras podem doer tanto? A fim de compreendermos isto, pensemos numa versão caricatural da realidade: um nariz desproporcionado, um pescoço demasiado alto, um queixo metido para dentro... Para que certos traços sobressaíam, o resto da cara tem de ficar na sombra. O mesmo se passa com o insulto: basta uma palavra para apontar um traço físico, moral, ou familiar, e deformá-lo, conferindo-lhe assim uma importância capital. Aquele que recebe o insulto vê-se reduzido a um único aspecto de si mesmo. Durante a adolescência, estes episódios são particularmente dolorosos, visto que ainda não temos uma imagem consolidada de nós mesmos e achamos que o que os outros dizem de nós é verdade. Sentimo-nos ridículos, asquerosos, desinteressantes...

Se nunca tivemos problemas de peso, se nunca precisámos de fazer dietas-milagre, o facto de nos chamarem "grande vaca" no corredor da escola não nos preocupará em demasia. Olharemos com surpresa e ironia quem nos chamar "elefante". Pensaremos "Que bicho lhe mordeu?" Se uma pessoa utiliza um insulto relacionado com o peso é porque isso representa um problema para ela. O que insulta sofre como o insultado, mas ignora que sofre. É um facto que os agressores podem ser magros como um palito ou nem sequer usar óculos; contudo, as questões do peso e da vista preocupam-nos, porque as utilizam como arma de arremesso. A pessoa que agride não consegue controlar a raiva que a submerge e usa as palavras para se aliviar. É caso para dizer "Quem o diz é que o é!"

Vítimas da própria violência

Os meus pais queixam-se de já não me reconhecerem. Sempre fui obediente e reservada. Agora, recuso-me a desempenhar o papel que eles me destinaram. Amuo por tudo e por nada, quase não falo com eles. Enfiada no meu quarto, ouço os meus CD, telefono às minhas amigas, respondo torto à minha mãe quando me repreende por eu não fazer os trabalhos de casa. Como hei-de dizer aos meus pais que estou em crise, que me sinto mal na minha pele, e que queria ter mais três anos? Calo-me e enfio-me no meu quarto.

Sandra, 16 anos

Sinto o olhar perturbado, já nem consigo ver direito. É como se outra pessoa vivesse dentro de mim. Tento raciocinar, mas só consigo agir quando atinjo um determinado nível de tensão. Depois de explodir, sinto-me estúpida, tenho vontade de chorar. Queria que alguém me consolasse, mas tenho vergonha de mim própria. Só quero esconder-me.

Cecília, 17 anos

Se Sandra pratica a arte subtil do amuo, Cecília grita e faz cenas. Os pais conhecem as suas crises e afastam dela tudo o que não querem ver partido. "Tudo acontece rapidamente", diz a mãe, "e a Cecília depois pede desculpa.". Cecília porta-se como uma criança caprichosa, incapaz de dominar os acessos de pânico que se apoderam dela. É prisioneira da sua própria cólera. Isabelle Filliozat, psicoterapeuta, faz pesquisa há vinte anos sobre as emoções, sobre a "inteligência do coração". Segundo a sua opinião, "o que está por detrás da violência é a impotência. A violência não é a cólera, é o falhanço da cólera." Cecília sente uma emoção invadi-la, uma emoção que ela não consegue compreender nem conter. A fim de não pensar nem sofrer por causa disso, declara uma espécie de estado de emergência emocional. Nada nos diz sobre a sua raiva mais íntima, sobre a forma como a cólera toma conta do seu espaço interior. Não quer mitigar essa mesma cólera, ou pensar nas razões que a conduzem a ela: os seus acessos preservam-na do que ela não pode nem expulsar nem controlar.

Inversamente, Sandra descarrega a sua agressividade na família, cortando qualquer contacto com ela. O amuo é uma forma de agressividade que não explode, mas que é visível. Trata-se de um castigo infligido aos outros e a si mesmo. O que amua fecha-se no desejo de fazer mal a si mesmo, ao mesmo tempo que o mostra a toda a gente. Se ninguém visse que amuávamos, que interesse teríamos em amuar? Amuar bem é uma verdadeira arte. Não basta fechar-se no quarto, é preciso que os outros saibam que nos fechamos no quarto. Bater com a porta; pôr a música aos berros; ir buscar uma Coca-Cola ao frigorífico e não falar com ninguém; passar e voltar a passar diante da mãe, sem dizer nada.

Saber amuar é ser capaz de mostrar o nosso descontentamento sem usar palavras: um sobrolho franzido, os lábios cerrados, os ombros hirtos, a testa enrugada. Os amuos são verdadeiro teatro, autêntica expressão corporal.

Através do amuo, Sandra mostra aos pais que quer que a "deixem em paz". Precisa de se distanciar deles, de se opor à sua forma de ver as coisas, e à sua autoridade. O seu silêncio, a sua recusa de estabelecer elos é uma forma de violência exercida sobre a família.

Entre a violência que se exprime e a violência que se cala, há poucas diferenças. As diferenças residem apenas na forma. Tanto Sandra como Cecília exprimem a raiva de não terem ainda encontrado o seu espaço, a sua identidade. "Somos todos seres violentos; é normal exprimir agressividade quando nos acontece algo de indesejável", explica Didier Luru, psiquiatra e psicanalista. A violência faz parte de nós, seja visível ou invisível. A diferença reside na forma psíquica como lidamos com ela. Daí a necessidade de encontrar uma maneira de exprimir esta violência íntima. Apenas a palavra pode ajudar a pensar sobre a violência e a escolher o que queremos fazer com ela.

A construção da identidade

Para construirmos a nossa identidade, precisamos de modelos. Quando somos crianças, as nossas referências são os nossos pais e as certezas que a nossa educação nos inculcou. A partir da adolescência, os pais deixam de ser as nossas únicas referências, e as suas convicções não chegam para edificarmos uma nova relação connosco e com os outros. Precisamos de um novo enquadramento para crescer.

Mesmo que os nossos pais ainda signifiquem muito para nós, as suas opiniões, os seus conselhos, e os seus olhares sobre as coisas, são menos importantes para nós do que o juízo dos colegas e da sociedade. Tornar-se adulto não significa dar corpo às expectativas dos nossos pais; significa tornarmo-nos nós próprios. Para que isto aconteça, temos de passar pelo crivo dos outros. É uma lei da sociedade humana. Esta transição inevitável não se opera sem dor nem sem fragilidade. Assim, acontece aos jovens adoptarem a linguagem e os símbolos dos jovens da sua idade. Antes de encontrarmos as nossas próprias palavras para exprimir o que é difuso e confuso, reconhecemo-nos nas letras de certas canções em voga. Ávidos de viver, reivindicamos ideias e escolhas que têm por fim afirmar a nossa originalidade, que é a do grupo ao qual pertencemos. As mensagens de raiva, de revolta, e até de ódio, contidas nas canções ajudam-nos a exprimir a nossa própria necessidade de nos revoltarmos. Cuidado, porém, para não nos deixarmos levar por textos horríveis, cujas intenções ultrapassam as nossas e muito! Algumas canções não se contentam com exprimir revolta. Incitam ao ódio: ao racismo, ao machismo, à xenofobia... Tenhamos cuidado com a sua tradução, a fim de não sancionarmos ideias com as quais discordamos totalmente. Trata-se, muitas vezes, de um discurso simplista, pouco elaborado, e extremamente conformista, apesar da sua aparência liberal. Nada nos impede de gostar da música ou do

cantor: tenhamos cuidado, porém, em assegurar que as nossas ideias são mesmo nossas. Só nos tornamos nós próprios quando escolhemos com quem **não** nos queremos parecer!

A violência das feridas familiares

Desde que me lembro, os meus pais nunca acharam que eu era uma pessoa interessante e não se privavam de o repetir vezes sem conta diante de mim. Davam-me sempre como exemplo os filhos dos outros, que eles achavam mais inteligentes, mais amáveis, mais sorridentes. De cada vez que tinha uma nota má, suspiravam e perguntavam-se, em voz alta, o que iria ser de mim. Cresci com a convicção de que os outros são melhores do que eu. Hoje, quando tenho um projecto que me é caro, sinto sempre uma imensa angústia por pensar que não serei capaz de o concretizar.

Artur, 16 anos

É proibido existir

Subreptícia e perigosa, a violência psicológica exprime-se através de agressões verbais (insultos, troça), de desvalorizações sistemáticas, de castigos injustos, de humilhações face a outras crianças. Estas humilhações podem ser relativas à aparência, ao físico, às capacidades intelectuais. "És muito gordo", "És uma nulidade", "Pareces os teu pai, sempre mal vestido", "Nunca serás ninguém na vida", "És uma cabra, como a tua mãe". Todas estas frases ferem as crianças, destroem a sua autoconfiança.

O mesmo acontece com os comportamentos de desprezo, indiferença, ou abandono. A criança que os pais ignoram, ao ponto de falar dela como se não estivesse presente, é vítima de violência psicológica. De igual modo, a rapariga espiada e vigiada pelo pai, como se fosse uma criminosa, sofre as consequências deste tipo surdo de violência. Muitas relações familiares baseiam-se no silêncio, ou numa relação de força, em humilhações constantes, no desprezo. O sofrimento que a criança experimenta é uma violência real, porque esta violência esmaga a criança sob o peso da incompreensão. Como não consegue encontrar o seu lugar no seio da família, a criança sente-se confusa e tenta autodestruir-se. Não consegue reagir nem organizar os seus pensamentos. Não consegue existir, pura e simplesmente.

Mas a violência psicológica também se pode exprimir através de uma grande doçura. A chantagem afectiva permite ao adulto impor vontades ou proibições à criança "para seu bem", ou porque "isso faz muito mal". "Se não vieres comigo às compras, já não gosto mais de ti", diz uma mãe ao filho. Nada melhor para culpabilizar uma criança insegura que se acha em risco de perder o amor dos pais a qualquer momento.

Todas estas formas de violência psicológica revelam sempre uma impotência. Um pai ou uma mãe que humilham o filho ou o chantageiam negam-se a si mesmos enquanto pais.

Como reagir à violência psicológica?

A literatura está cheia de histórias de crianças que tiveram maus começos na vida porque os pais não reconheceram o seu valor. Cenourinha¹, a personagem de um romance de Jules Renard, é um rapazinho constantemente humilhado pela mãe, porque teve a infelicidade de nascer com o cabelo ruivo. Reduzida a sua importância à cor dos cabelos, a Cenourinha é negado o estatuto de pessoa rica e complexa, já que não passa de uma cor, de um legume! Como poderá ele gostar de si mesmo, aceitar-se, descobrir e desenvolver as qualidades pessoais, uma vez que a própria mãe lhas nega? Esta rejeição constitui uma violência absoluta, porque nega à criança o direito de existir como é. "Nem toda a gente tem a sorte de nascer órfão!", lamenta-se Cenourinha. Reparem como ele exprime o desejo da morte da mãe com humor. Só uma personagem de romance pode rir-se do facto de não ser suficientemente amada.

E, contudo, o amor é libertador, porque permite brincar com as emoções e os pensamentos proibidos. Aquele que se ri de si mesmo fá-lo para evitar sentir a queimadura da vergonha ou a mordedura da culpa. O humor impede-nos de deixar os nossos sofrimentos crescerem em silêncio, o que nos minaria.

A criança constrói-se a partir do amor que os seus lhe votam. Aquele que não se sente suficientemente amado pensa não valer nada. Logo, não pode amar-se nem construir a sua identidade. A fim de evitar que este sofrimento lhe destrua a alma, inventa um subterfúgio. Alguns recorrem ao humor, outros ao ódio. Alguns fechar-se-ão a toda e qualquer demonstração de carinho, enquanto outros apostarão nos estudos ou mergulharão na criação artística. Outros autodestruir-se-ão. Mas nós, adolescentes, ao contrário das crianças muito pequenas vítimas dos pais, começamos a observar o que se passa na nossa família com um certo recuo. Podemos compreender o drama que os nossos pais vivem através dos seus gestos e comportamentos perigosos.

Via a minha mãe chorar todas as noites. Acordava com os olhos vermelhos e a cara inchada. Como podia eu dizer-lhe que abafava ao viver em casa? Como dizer-lhe que estava farta de que ela me apertasse nos seus braços como se eu fosse uma criança? Sentia que ela precisava de me ver como uma criança para se sentir reconfortada. Mas eu estava a crescer e ela envelhecia. Não podia dizer-lhe que queria crescer, porque isso a fazia envelhecer.

Estela, 18 anos

¹ *Poil de Carotte*, no original. (N.T.)

Estela mostra-nos como a mãe a envolve no seu drama pessoal. É um tipo de violência surda e frequente que dá ao jovem a sensação de não existir.

Golpes e sevícias

Quando eu tinha 14 anos, os meus pais já não duvidavam de que eu saía com as minhas amigas. Então, fechavam-me em casa. A minha mãe ouvia as minhas conversas ao telefone, o meu pai lia as minhas cartas. A minha mãe inspeccionava a minha roupa interior, o meu pai vasculhava a minha pasta. Levei muito tempo até compreender que isto não era normal, que nem todos os pais faziam a mesma coisa. Quando tinha 17 anos, quis sair uma noite e tentei escapular-me pela janela do quarto. Quando regresssei, esperavam-me. O meu pai bateu-me na cara. Partiu-me o nariz.

Lia, 25 anos

Cólera, altercações, gritos, bofetadas, ou castigos: uma certa agressividade está sempre presente na vida das famílias, como o está em todos os grupos humanos. Mas a verdadeira violência exercida pelos pais entra num domínio diferente.

Trata-se de maus-tratos, que deixam marcas no corpo (hematomas, queimaduras, fracturas), e no coração; feridas secretas provocadas por brigas constantes, humilhações, abandono... Durante muito tempo, a violência física fazia parte do exercício do poder paternal, ou parental, e era vista como uma forma legítima de "endireitar" os filhos, de inculcar-lhes bons modos. As famílias podiam fechar os filhos no armário, bater-lhe com o cinto.

Hoje, os maus-tratos são puníveis por lei. Só em 1967 se abordou abertamente, em França, o síndrome da criança espancada, ou síndrome de Silverman, o americano que o descreveu pela primeira vez em 1953. Trata-se de uma série de sintomas que podem ser observados nas crianças maltratadas, ou que foram "apenas" mal cuidadas e mal alimentadas. Estas vítimas sofrem fracturas múltiplas que foram negligenciadas, hematomas, traços de queimaduras, cabelos arrancados. Estas crianças estão embrutecidas, não sabem rir nem chorar, perderam o apetite. Segundo as estatísticas, e contrariamente às ideias mais comuns, os maus-tratos de crianças, incluindo os abusos sexuais, são exercidos, na maior parte dos casos, por alguém da família, ou por alguém que lhes é próximo. É raro que a agressão seja feita por alguém de fora. Também contrariamente às ideias habituais, os pais que batem, abusam, ou negligenciam os filhos, pertencem a todas as classes sociais.

Alguns pais pensam que, ao serem autoritários (poucos reconhecem que são violentos), estão a transmitir aos filhos a noção dos limites e um enquadramento necessário à sua educação. Isto é totalmente ilusório. Com efeito, aquele que exerce violência sobre os filhos transgride, ultrapassa os

limites, desqualifica-se a seus olhos e aos olhos dos filhos. Em vez de educar, alguns pais procuram subjugar os filhos, obrigá-los a obedecer. Alguns dizem que ao bater nos filhos estão a ajudá-los, a educá-los correctamente, porque os filhos estão cheios de vícios ou são "duros". Estes pais embarcaram numa espiral de violência diabólica, porque já não conseguem dominar a sua força física ou a sua raiva interior. Estes adultos confundem autoridade com violência, esquecendo que, quanto mais violentos são, menos autoridade têm.

Por seu lado, a criança que está habituada a ser maltratada pode acabar por banalizar a violência e reproduzi-la sobre outrem quando for adulta. Assim se transmitem, de geração em geração, as violências familiares. Felizmente, há crianças que escaparam a este destino e que, uma vez adultas, conseguem ter uma vida familiar gratificante.

Até aos meus 5 anos, fui maltratado pela minha mãe. Atirava-me pelas escadas do prédio abaixo, amarrado a uma cadeira. Não queria nunca que eu me sentasse no chão. Nunca imaginei ser capaz de ultrapassar tudo o que me aconteceu e ter uma família. Hoje tenho dois filhos e tenciono dar-lhes todo o amor que não recebi na minha infância.

Daniel, 30 anos

Violências sexuais

Começou quando eu tinha dez anos. Vinha de noite ter comigo e eu nada podia fazer; ficava paralisada. O meu corpo ficava duro como pedra e o medo furava-me o estômago, como se fosse uma picareta. Durante o dia, ele não me olhava e eu não olhava para nada. Na escola, criticavam-me por estar sempre alheada de tudo à minha volta. Ainda hoje, tenho dores de estômago.

Luísa, 16 anos

Em qualquer idade se pode ser vítima de violência sexual, nomeadamente na adolescência. Pela altura da puberdade, o corpo altera-se, e pode provocar desejo nos adultos, aquelas pessoas que deveriam, justamente, olhar pelo desenvolvimento sadio dos adolescentes.

É um drama autêntico observar a alteração do olhar de um pai, de um padrasto, de uma pessoa próxima da família. O amigo encantador ou o vizinho prestável, que nos dá explicações e nos acolhe, tornam-se um perigo, uma ameaça. Não acreditamos no que nos está a acontecer e, em vez de duvidar do outro, duvidamos de nós mesmos. Quando as nossas formas de adolescentes provocam o desejo dos adultos e o seu toque, tudo se desmorona em nosso redor. Temos vergonha do nosso corpo, dos nossos afectos, perdemos a confiança. Crescer torna-se fonte de sofrimento. Os sinais da nossa feminilidade